

O pagode noventista renovado sob o olhar de Mart'nália

Michelle Castilho / Divulgação Circo Voador

Cantora revisita clássicos do gênero em mais um show no Circo Voador

Depois de lotar o Circo Voador em janeiro, Mart'nália retorna ao palco nesta sexta-feira (14) para o show de lançamento de seu novo disco, "Pagode da Mart'nália". O álbum presta homenagem ao pagode dos anos 1990, revisitando clássicos que marcaram época e conectaram gerações ao samba.

"O pagode dos anos 1990 fez um enorme sucesso, mudando a vida de muitos músicos e criando uma conexão maior do público com o samba, que ainda era marginalizado na época", explica a cantora. Para ela, o novo projeto celebra compositores e grupos que ajudaram a consolidar o gênero. "Esse repertório marcou a memória afetiva das pessoas e pode aproximar novas gerações do universo do samba."



Mart'nália durante show de estreia do álbum 'Pagode da Mart'nália', em janeiro no Circo Voador

No repertório, Mart'nália traz sucessos como "Coração Radiante", "Cheia de Manias" e "Essa Tal Liberdade*", além de seus clássicos já conhecidos, como "Cabi-

de", "Pra Que Chorar" e "Água de Chuva no Mar".

A idealização do projeto partiu de um sonho da empresária Márcia Alvarez, que

há 25 anos acompanha a trajetória da artista, que imaginou a filha de Martinho da Vila cantando "Recado à Minha Amada", sucesso do Katinguelê. "Convidei Marcus Preto para estruturar o projeto nos anos 1990, com um repertório que refletisse a identidade da Mart'nália", conta. E o produtor - conhecido por trabalhos com Gal Costa e Erasmo Carlos - viu no disco uma oportunidade de dar nova vida a essas canções. "Mart'nália é a voz perfeita para renovar esse repertório", afirma.

Com arranjos do pianista Luiz Otávio, o álbum resgata a essência de Vila Isabel, berço do samba e da própria Mart'nália. "Foi um desafio gratificante trazer essas canções para o estilo único dela", comenta.

Para abrir a noite, o projeto Encontro Casuais, liderado por Inácio Rios e Mosquito, apresentará um repertório de sambas autorais e clássicos de Noel Rosa, Paulinho da Viola e Beth Carvalho, entre outros.

SERVIÇO

PAGODE DA MART'NÁLIA
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)
14/3, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos entre R\$ 90 e R\$ 180

CRÍTICA / DISCO / COMUM

Um trabalho incomum

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de Comum, o novo álbum independente do compositor Sonekka. Este artista, cujo nome artístico não raro desperta estranheza em quem não o conhece pessoalmente, tem a rara capacidade de fazer crer que ele não é tudo aquilo que de fato é: um compositor desprendido de veleidades supérfluas.

Sobre si mesmo, ele diz: "Alguns acham que meu nome artístico soa depreciativo. Eu rio. Soneka é apelido de infância, é difícil esquecer um apelido fácil, então deixei (...) Sonekka não é um artista, é um compositor que defende suas canções obstinadamente; é como Guinga, Donga, Garoto, um apelido único; até Adoniran Barbosa é apelido... Silvio Santos é apelido!"

Quando lhe dá na telha, Sonekka pode ser um provocador bem-humorado. Suas intervenções costumam acalorar conversas em grupos de Whatsapp. Mas, numa roda de compositores, quando o violão chega às suas mãos, suas músicas são acolhidas calorosamente. E com ele não tem

essa de parti pris, o cara tá sempre disponível a novas possibilidades. Sejam musicais ou políticas, Sonekka as expõe com verve libertária.

Antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente, eu já ouvia o saudoso Zé Rodrix falar desasombradamente do Sonekka. Zé gostava tanto do Sonekka compositor quanto da sua capacidade de aglutinação, cuja lida na Internet o destaca perante seus pares. E, principalmente, por criar o Clube Caiubi de Compositores Online, movimento que chegou a juntar mais de 8 mil pessoas e realizou, semanalmente, mostras autorais presenciais.



Divulgação

Mas vamos ao álbum: metade das produções musicais é do multi-instrumentista, tecladista e guitarrista, arranjador e programador Josivan Mangoth. A outra metade é de Sonekka que, além de músico competente, é um cantor carismático das suas músicas. Ouça o

álbum em <https://sndo.ffm.to/3o2bmga>.

"Comum" (Sonekka) abre a tampa. Logo desponta o som firme do arranjo de Mangoth. E vem Zeca Baleiro dando show de interpretação! A guitarra de Nando Lee brilha... Grande abertura!

"Blues da Ansiedade" (Sonekka, Zé Edu Camargo e Rica Soares) vem com outro ar-

ranjo poderoso. Sonekka canta e arrasa!

"A Verdade dos Fatos" (Sonekka e Glauco Luz): o piano assegura o blues. O riff da guitarra é destaque.

"Realidade Virtual" (Sonekka e Glauco Luz): samba pop com ótima letra.

"Não Me Leve Pra Kiev" (Sonekka e Cliff Villar): outra grande letra. A voz de Sonekka volta a brilhar.

"Cena Paulista" (Sonekka e Cliff Villar): canção delicada, com intro do piano.

"Caldo de Cultura" (Sonekka e Glauco Luz): Renata Pizi brilha com sua bela voz, dobrada à de Sonekka.

"Big Bem" (Sonekka): puxada pela guitarra, esta produção de Sonekka fecha Comum, álbum absolutamente incomum de um anti-herói contemporâneo.

PS. Sonekka já lançou Incríveis Amores (2003), Tropeçalistas (com Zé Rodrix, 2005), Agridoce (2008), Tonq (com Ayrton Mugnaini, 2009), Cisma (2015), o infantil Palavrinhas Mágicas (2016) e Forró Avacaçado (2010).

*Vocalista do MPB4 e escritor